



QUIMBANDA E FEITICARIA BRASILEIRA

Magia

EDIÇÃO 01- DEZ 2021

Trindade Maliciosa Exu-ke

A Quimbanda e
o Sagrado Feminino







Editorial

Sejam bem-vindos aos portões do Inferno que se abre, assim como no texto de Dante Alighieri:

«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate»

Em outras palavras: «Ó, vós que entraís, abandonai toda a esperança.»

Esta revista nasce com o proposito iluminador, assim como Lúcifer é aquele que porta a Luz e traz a iluminação a humanidade, esta revista tem a arrogância de concatenar pensamentos, vivências e experiências de quem vive a Quimbanda no dia a dia e não apenas dentro de um mundo fictício e aprisionador.

Fazendo uma ponte entre o mundo castrativo e a prisão da alma ancestral nos corpos materiais, aqui queremos trazer a liberdade para sua mente, com textos reflexivos, pontuações sobre a tradição de Quimbanda e um entendimento mais raiz da prática da feitiçaria brasileira.

Sim, a Quimbanda é brasileira! Desta forma como a praticamos, perceberemos as grandes influências dos primeiros kimbandas trazidos dos Reinos do Dongo e do Kongo para o Brasil misturando-se com as práticas dos feiticeiros nativos, os pajés, caraíbas, dos feiticeiros.





Claro que essa influência e esse caldeirão cultural e religioso não parou por aí e se apropriou do pensamento da feitiçaria ibérica, principalmente da feitiçaria popularizada por meio dos comuns e dos tomos atribuídos a São Cipriano.

A Quimbanda, como é praticada no Brasil, pode estar distribuída em diversas famílias, tradições e vertentes, seja como Quimbanda Nàgô, Malê, Mossurumin, de Almas, de Cemitério, etc.

Aqui na Quimbanda é o Reino de Maioral, da terra, do caos, da natureza e do espírito animal. Aqui na Quimbanda é onde moram os espíritos dos **NGANGAS**, grandes feiticeiros, que manipulam a natureza, entram em contato com os ancestrais e dão de comer e beber. Aqui é onde o chão treme e nos faz sentir o gosto do sangue que percorre todos os dias o nosso corpo e que simplesmente ignoramos.

Na Quimbanda cultuamos a morte e a morte traz a vida. A Quimbanda é uma chama negra que ilumina. Então, dispa-se e permita-se!

Nguzo ê Quimbanda!

Douglas Rainho
Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote de Quimbanda Nàgô



A Trindade Maioral na Kimbanda

E A ESTRUTURA DOS REINOS NA KIMBANDA

Dentro do culto de Quimbanda é comum para todas as linhas quimbandeiras o culto a trindade maior.

Mas afinal o que é essa trindade maior ou Mairoais na Quimbanda?

A Trindade Maioral é a manifestação primordial da Divindade.

Que resumidamente ganhou vários nomes diferentes em várias culturas diferentes.

Podemos dizer que foram redescobertos e reinterpretados ao decorrer de milênios pela humanidade. Trata-se de um fenômeno que é interpretado de acordo com o intelecto humano.

Sendo um fenômeno basta observar e concluir a lógica da existência dessa potência que aqui no Brasil, em especial na Quimbanda ganhou força e foi batizada com o nome das potências descritas no Grimorium Verum (texto de magia goética da idade média). Lúcifer, Belzebu e Astaroth.





Lúcifer: (Abmalak / Sanctum Regum/ Lúcifer)
Abmalak = Ab- Pai, Malak- Mensageiro; ou seja, mensageiro do Pai.

Sanctum Regum = Rei Sagrado

Lúcifer = Lux- luz, Ferre- para (lux para algo ou algo que se ilumina ou oque transporta a Luz)

Lúcifer é um título ou um epíteto utilizado para todas as divindades ligadas ao sol (divindades solares). O Planeta Vênus também é chamado de Lúcifer pois, sua aparição no alvorecer do dia precede o surgimento do Sol no horizonte ao Leste.

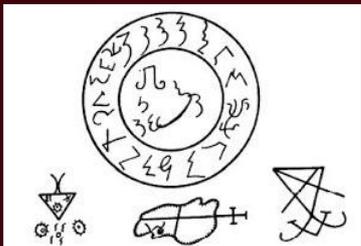
Lúcifer como um Deus nunca existiu, porém uma grande egrégora foi formada através do seu nome e também do sigilo de Lúcifer. Várias divindades e entidades estão sob a égide desta egrégora!

Lúcifer é interpretado através da história do anjo caído, como a queda do homem para ascensão da consciência divina, ou o despertar da tocha que ilumina a alma do verdadeiro buscador e o tira de sua prisão existencial para sua ascensão infinita na existência do cosmos.

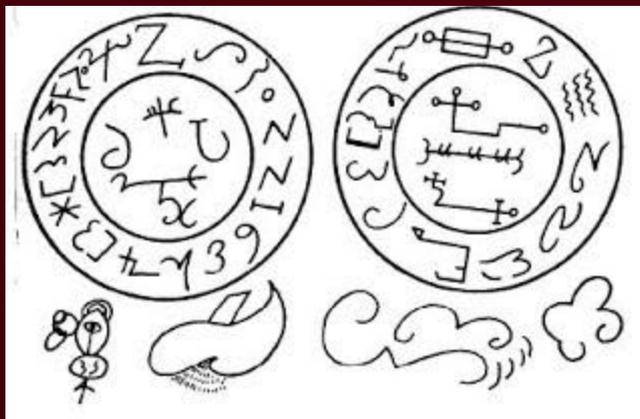
A isso se dá o nome de iluminação luciferiana. Pode ser visto em vários símbolos ocultistas como a tocha na cabeça de Baphomet (o Bode de Mênfis). Vale ressaltar o Deus Ptá, como exemplo da trindade maior na cultura Egípcia por exemplo.



Lúcifer é representado e sincretizado como Exu Lúcifer na Quimbanda Nàgô e Exu Rei 7 Encruzilhadas da Lira na Quimbanda Mussurumim.



Belzebú



Baal Zebut ou Baal;

Grande divindade cultuada pelo povo filisteu, cananeu e fenício. Deus dos trovões da agricultura e fertilidade, também deus das pestes e da transformação das oferendas em estado de putrefação simbolizando a transmutação da vida.

O culto dessa poderosa divindade sobreviveu ao tempo, mesmo sendo depreciado e demonizado por culturas opressoras, chegou a nossa terra. A Quimbanda sendo um culto não cristão com viés paganista absorveu esse maioral representando um dos pilares da manifestação da força de sua tríade na alta hierarquia.

Belzebu é representado na Quimbanda por Exu Mor também chamado Exu Belzebu ou Exu Nove Luzes.

Exu Belzebu é um grande Exu de combate e defesa, também traz muita riqueza e conquistas para quem o cultua.

Exu Mor faz o iniciado prevalecer perante os inimigos!

É um Exu Cultuado nos Cemitérios.

É interessante observar que sua representação mais famosa é a mosca varejeira, que é o mesmo inseto que se apresenta quando Exu Caveira está de ronda.

Salve Exu Nove Luzes, salve a força maioral!

Astaroth é uma divindade antiga que herdamos do povo fenício, filha de Baal nesta mitologia e esposa de YHVH, para o povo hebreu, conhecida como **Ashera**.

Deusa da fertilidade, amor, sexo e guerra. É a nossa grande mãe geradora de tudo o que existe.

Astaroth como os outros maiorais chagaram aqui devido a cultura europeia.

O Casal Exu Rei das 7 encruzilhadas e Pomba gira Rainha das 7 Encruzilhadas

Representam Astaroth, ao meu ver, tenho a Rainha das 7 encruzilhadas como sua representante pelo fato de ser uma força feminina.

A Quimbanda & o Sagrado Feminino

O Diabo, a Pombagira & o Sagrado Feminino

A feitiçaria é o campo do genuíno Sagrado Feminino. Os Círculos de Mulheres modernos são uma paródia muito distante do verdadeiro arcano de iniciação e resgate ancestral do Sagrado Feminino.

O moderno resgate do Sagrado Feminino não tem resgatado nada de fato; apenas maquiado (ou maculado quando noções ideológicas feministas e de gênero) as raízes ancestrais que representam o trabalho efetivo com o Sagrado Feminino.

O resgate verdadeiro do Sagrado Feminino está na feitiçaria do sangue, da terra, da lua e no olhar correto sobre a ancestralidade e a selvageria da natureza. A Quimbanda é uma zeladora genuína do Sagrado Feminino.



Na tradição de Quimbanda nós começamos o trabalho com uma aproximação devocional ao Chefe Império Maioral, o Diabo.

Sua iconografia é a deusa Baphomet, que aglutina glifos de antigas deusas negras esquecidas e que detinham os arcanos verdadeiros do Sagrado Feminino. O Diabo é o deus das bruxas e feiticeiras porque é ele o transmissor genuíno do Sagrado Feminino; ele é a gnose de conexão com o Sagrado Feminino, a incorporação do Espírito da Natureza.

A imagem construída do Diabo a partir do glifo de Baphomet poderia receber o nome de legião, uma vez que é o conjunto híbrido de inúmeros glifos, totens primitivos e símbolos da Grande Creatix, particularmente a deusa fenícia Asherah.

A saia ou cinto vermelho na cintura das Sacerdotisas de Quimbanda é uma assinatura da Deusa Asherah (Qutesh), a deusa-protótipo – de forma romântica e não técnica – de Pombagira nos mistérios antigos. Em algumas imagens do Atu XV do Tarot, O Diabo, aparece uma espada empunhada que sugere a palmeira, um totem primordial da Grande Deusa.



A ninfa e o sátiro nos pés do Diabo espelham as criaturas chifrudas nas mãos da Deusa Asherah, que mais tarde serão substituídas por correntes. Asherah aparece como a Grande Mãe dos Deuses, descrita na versão babilônica da Deusa Ishtar, Rainha da Noite. Compare a imagem da deusa e as primeiras versões do Atu XV, O Diabo no Tarot de Marselha:



Desde o Séc. XV pelo menos, O Diabo tem sido representado como uma criatura andrógena. Decifrar seu simbolismo tem sido uma tarefa muito difícil porque seu verdadeiro significado foi perdido, mas manteve-se intacto em símbolos. Àqueles versados nos símbolos conseguem, portanto, acesso ao conhecimento primitivo dos mistérios que envolvem o Atu XV/ Baphomet/o Diabo.

Dentro dos costumes e tradições da Quimbanda, a grande maioria dos Templos/ Terreiros usa uma imagem muito similar à Deusa «Baphomet» para representar o «Imperador Maioral». Essa forma de idolatria também ocorreu por conta do sincretismo religioso ocorrido na formação do culto, principalmente pela grande influência das obras literárias do «mago cristão» Eliphas Levi, criador da imagem, [...] um dos responsáveis pela profanação da «Senhora da Terra» e pela propagação de um dos maiores erros no círculo ocultista. [...] «Baphomet», segundo nossos entendimentos, não é a figura panteística do «Absoluto». [...] «Baphomet» é a junção das palavras gregas «Baphe-Metra», que corresponde a «Mãe tingida/sangrenta», a «tintura da Mãe» ou ainda, «o batismo da mãe» onde ocorre o encontro com a face da Deusa Sinistra. O nome, apesar de filosófico, representa o «Grande Útero Negro» que gerou e capacitou forças para guerrear contra a inércia das religiões estigmatizadas.

- Danilo Coppini, *Quimbanda: O Culto da Chama Vermelha e Preta. Via Sestra*, 2019.

Os arquétipos que alimentam a iconografia clássica de Maioral são essencialmente primitivos e femininos, uma legião de glifos da Deusa Negra, epitomadas em mitos como os das deusas de Hécate, Astarte, Asherah, Innana, Lilith, Babalon etc. O Chefe Império Maioral trata-se de uma força poderosa que nos conecta profundamente e diretamente ao Sagrado Feminino.

*Me chame de rameira, vagabunda, dissimulada e diabólica.
Fale mal de mim, faça minha caveira, acabe com a boa reputação que eu tiver, junte todas as ovelhas manipuláveis contra mim. Preocupe-se com o que eu faço da minha jornada, pense em mim, seja obsecado(a) por mim, deduza o que quiser a meu respeito e espalhe aos quatro cantos do mundo. Planeje me derrotar, perca noites pensando em mim e sonhe comigo quando fechar os olhos.*

Não aceito meio termo.

Eu causo desconfortos, eu sei.

Pombagira: Intensa & Subversiva. Por Mameto Mwanajinganga.

Na Quimbanda Pombagira trata-se de um relicário reluzente de Luz Negra; em nossa teogonia, ela é herdeira de todas as deusas antigas, mães ancestrais e feiticeiras: Lilith, Astarte, Asherah, Sirce, Afrodite, Medeia, Hécate, as Ìyámì e feiticeiras heroicas de todas as eras; Pombagira concentra todo poder do Sagrado Feminino; ela é a expressão de todas as antigas deusas.

A Pombagira, a tradição de bruxaria ibérica & o Livro de São Cipriano

A Pombagira como deidade brasileira (não existe Pombagira em nenhuma cultura além da nossa), sua iconografia e arquétipo, são heranças da influência que as bruxas ibéricas e O Livro de São Cipriano tiveram sobre a conformação do Culto de Exu no Brasil.

As bruxas ibéricas convocavam um espírito assistente, uma forma de diabrete feminina que as assistiam prontamente e que elas nomeavam como diáboa. No Brasil a diáboa ibérica que sobreviveu na Quimbanda foi Maria de Padilha, já presente nas edições de O Livro de São Cipriano.

Existem escritores que insistem que a Quimbanda não possui influência cipriânica. Toda Quimbanda é cipriânica! Toda Quimbanda é faustina! Toda Quimbanda tem Maria de Padilha e ela acabou por se tornar a guardiã da tradição! Toda Quimbanda tem o pacto diabólico!

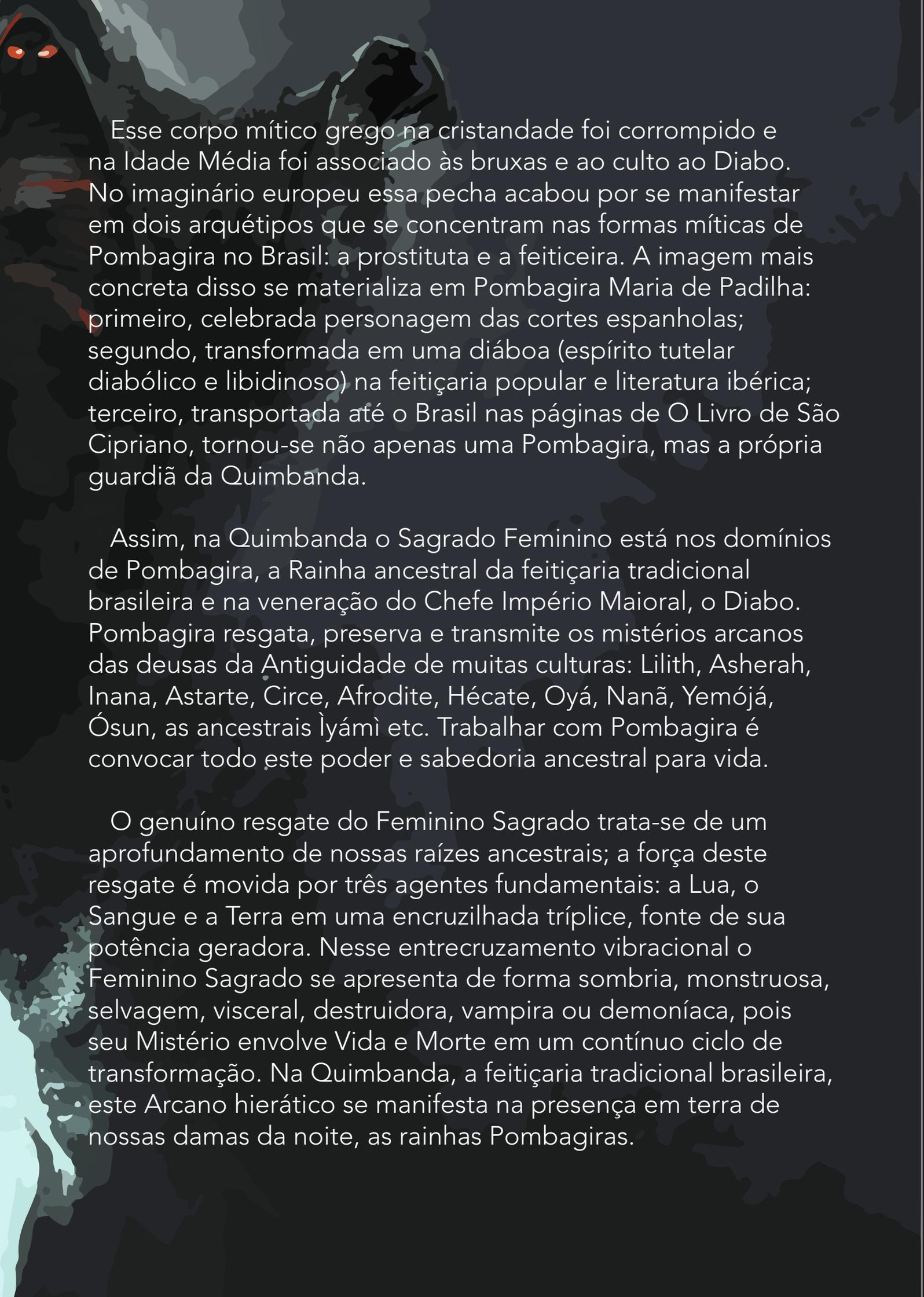
A diáboa ibérica proveu as características femininas que adornaram as forças masculinas do È ú òrì à, do vodum Legba e do nkisi Mpambunijila para materializar as Pombagiras brasileiras, as diabas da Quimbanda.

Quando falamos de Quimbanda dialogamos com um riquíssimo imaginário sincrético fortemente conectado as heranças culturais e ancestrais africanas, europeias e ameríndias.

As representações simbólicas da Quimbanda, em especial sua iconografia, se conectam a múltiplas míticas religiosas de procedências distintas que se encontraram e se miscigenaram no Brasil.

Por trás das representações simbólicas da Quimbanda existe um pano de fundo, um repertório mítico multicultural que se condensa de forma variada na iconografia, principalmente a da Pombagira. Na verdade a Pombagira é tudo na Quimbanda, mas poucos se atêm a esse arcano de mistério.

Como falei acima, a força mágica da Pombagira na Quimbanda concentra a potência sexual de È ú òrì à e de todos os òrì à femininos. Mas a iconografia de Pombagira está associada a um antigo imaginário grego, o da megera, arquétipo conectado ao uso libidinoso da força sexual, a paixão e a feitiçaria nos mitos de deusas como Hécate e Afrodite.



Esse corpo mítico grego na cristandade foi corrompido e na Idade Média foi associado às bruxas e ao culto ao Diabo. No imaginário europeu essa pecha acabou por se manifestar em dois arquétipos que se concentram nas formas míticas de Pombagira no Brasil: a prostituta e a feiticeira. A imagem mais concreta disso se materializa em Pombagira Maria de Padilha: primeiro, celebrada personagem das cortes espanholas; segundo, transformada em uma diáboa (espírito tutelar diabólico e libidinoso) na feitiçaria popular e literatura ibérica; terceiro, transportada até o Brasil nas páginas de O Livro de São Cipriano, tornou-se não apenas uma Pombagira, mas a própria guardiã da Quimbanda.

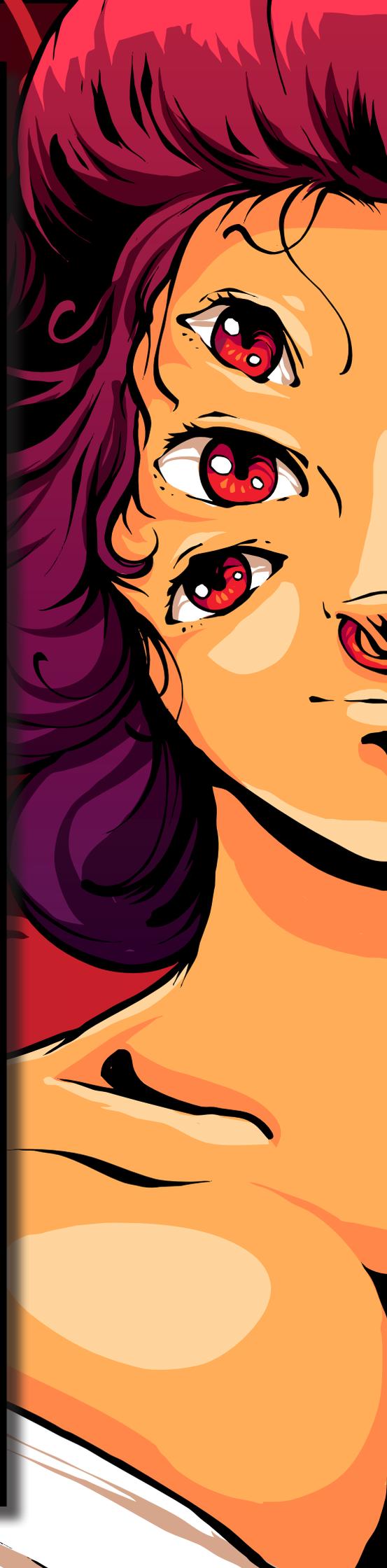
Assim, na Quimbanda o Sagrado Feminino está nos domínios de Pombagira, a Rainha ancestral da feitiçaria tradicional brasileira e na veneração do Chefe Império Maioral, o Diabo. Pombagira resgata, preserva e transmite os mistérios arcanos das deusas da Antiguidade de muitas culturas: Lilith, Asherah, Inana, Astarte, Circe, Afrodite, Hécate, Oyá, Nanã, Yemójá, Ósun, as ancestrais Iyámi etc. Trabalhar com Pombagira é convocar todo este poder e sabedoria ancestral para vida.

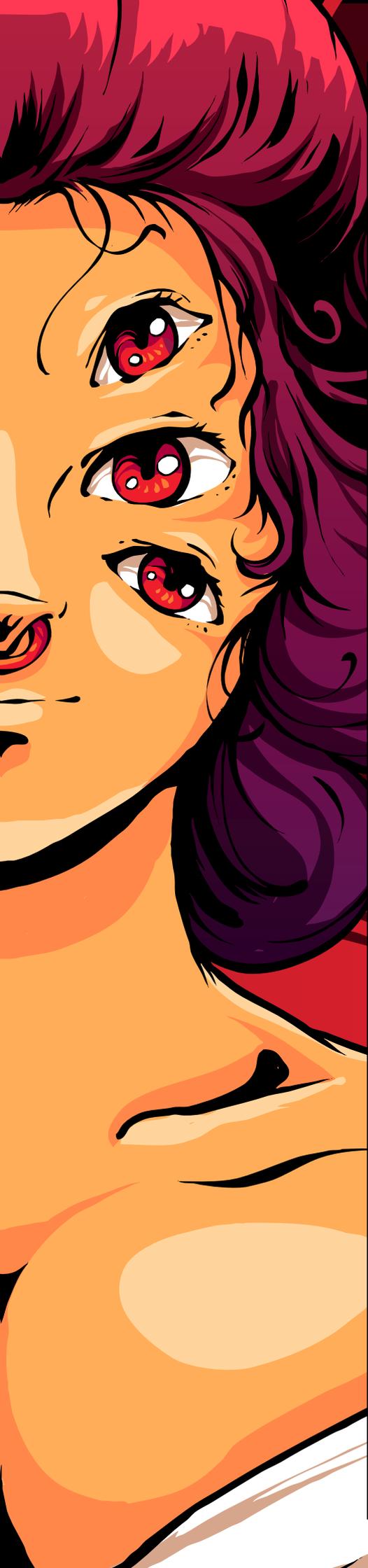
O genuíno resgate do Feminino Sagrado trata-se de um aprofundamento de nossas raízes ancestrais; a força deste resgate é movida por três agentes fundamentais: a Lua, o Sangue e a Terra em uma encruzilhada tríplice, fonte de sua potência geradora. Nesse entrecruzamento vibracional o Feminino Sagrado se apresenta de forma sombria, monstruosa, selvagem, visceral, destruidora, vampira ou demoníaca, pois seu Mistério envolve Vida e Morte em um contínuo ciclo de transformação. Na Quimbanda, a feitiçaria tradicional brasileira, este Arcano hierático se manifesta na presença em terra de nossas damas da noite, as rainhas Pombagiras.

Quimbanda, Pombagira & o Sagrado Feminino Visceral

A Quimbanda é selvagem porque diferente de outros cultos cristianizados ela não fantasia ou macula o cosmos/natureza com uma miragem positivista ou bem feitora. A Quimbanda entende o cosmos/natureza como ela é: selvagem! Na selva apenas prevalece a lei do mais forte. Como um animal que caça diariamente para sobreviver, a Quimbanda olha para o chão, para a terra. Ela não está nem um pouco interessada em trabalhar para o astral para evolução da consciência planetária ou da humanidade. Como um animal na selva, a Quimbanda se preocupa com o agora, com a realidade nua e crua da selvageria do homem (ou da natureza). A fórmula mágica da Quimbanda está na injunção alquímica do solve et coagula, na eterna adaptação diante dos fatos constatados na natureza.

Na Quimbanda o que vale é a lei da selva! É por isso que os antigos táta-ngangas falavam que a Quimbanda prepara o homem para se tornar mestre da vida. A vida é a passagem da alma pela corporeidade no curso do tempo-espço, seus problemas e dificuldades, o espírito da adversidade. Todas as nossas buscas mais fundamentais têm essa raiz: a superação do sofrimento, seja fugindo ou o enfrentando. A adversidade, a selvageria, a calamidade são espíritos que todos nós encontramos em algum tempo na vida e que nos causam sofrimentos e traumas profundos, e lidamos com eles de





forma torpe ou com sabedoria, dependendo das condições. Essa Natureza irascível, visceral, impiedosa, destruidora e ao mesmo tempo geradora, o espírito que permite nossa estadia material no seu corpo, alguns chamam de Sagrado Feminino, outros chamam de Diabo. A iconografia do Diabo na Quimbanda é o totem teriomorfo da deusa Baphomet, que aglutina os símbolos hieráticos arcaicos do Sagrado Feminino. Na Quimbanda lidamos com a força do Sagrado Feminino em sua manifestação mais primitiva, brutal e violenta. Não há lugar para bom mocismo na Quimbanda, porque no final só os sobreviventes restam. Na selva só fica vivo quem pode mais, ou se é caça ou caçador, presa ou predador. Esse é o caminho do Diabo, o Selvagem, a Natureza ou Sagrado Feminino.

Eu não sei até que ponto as pessoas entendem a importância ou profundidade do trabalho de Pombagira na Quimbanda. Ao apresentar os primeiros rabiscos sobre os Povos de Exu e Pombagira, Aluizio Fontenelle em sua obra Exu de 1951 compara a iconografia arquetípica de Pombagira ao Bode de Mendes e a Baphomet, frisando ser ele o Senhor do Sabbath. A guardiã da Quimbanda é uma figura feminina, Maria de Padilha, a senhora que abre as portas para o Reinado de Maioral, o Diabo. As Pombagiras são espíritos serpentinos, consideradas mais poderosas que os Exus e donas do mistério na Quimbanda. É interessante que durante a grande caçada na Idade Média e Moderna a mulher tenha sido demonizada. O Diabo é uma fonte, um útero e ele oferece um ambiente, a vida.

A natureza da Quimbanda surge das entranhas da terra, do Sagrado Feminino. Espíritos de mortos, vamos nos lembrar, estão associados a terra e ao submundo.

Na Quimbanda o Diabo é uma Deusa, não a mãe benevolente, mas a sedutora sereia que irá te levar ao fundo do mar, a ninfa que irá te levar as profundezas da terra, o sátiro que lhe mostrará o caminho até a mata escura.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela

(Instagram @tatakamuxinzela)

Cova de Cipriano Feiticeiro

Templo de Quimbanda Maioral

Exu Pantera Negra e

Pombagira Dama da Noite



Por Douglas Rainho
(Kimbanda Zelawapanzu)
Instagram: @covadetiriri



O Diabo não é tão Feio quanto parece

Muitos acabam tendo medo do diabo e por isso criam vários cenários catastróficos dentro de seu próprio pensamento.

O diabo nada mais é do que a subversão do sistema judaico-cristão perante as crenças "pagãs" e nativas. Onde tudo que era contrário ao sistema centralizador do Deus Hebreu, deveria ser combatido e inferiorizado.

Na realidade, as representações diabólicas e demoníacas mudam conforme o passar das gerações e culturas. Daemon, do grego Inteligência ou Espírito, já nos traz essa clara definição de que era uma inteligência (um ser inteligente) externo que inspirava os helênicos em seu dia a dia. Esse nome é subvertido para Demônio e toma conotação pejorativa posteriormente.

O próprio termo **Diabo vem do latim diabólus, que vem do grego diabolôs**, que possui a conotação de ser alguém que se opõe a algo ou o acusar de algo. Lembrando que acusar é apontar onde estão coisas que não condizem com o real, ou negar aquilo que se tornou padrão para a sociedade.

Os chifres, o pé de bode, o rabo, todos esses atributos são retirados das culturas ditas "pagãs" onde cada um desses elementos representava um poder natural. Chifres são poderosos, são armas de defesa, são coroas naturais. Os pés de bode representam o chão que pisamos, a força da terra.

Todo mundo tem medo da terra, pois a terra nos dá o que comer e nos mata. Assim é a natureza. A natureza é caótica, desta forma podemos associar que o diabo é o próprio espírito da Terra, a natureza em si, com suas facetas ora boas e ora obscuras...

Temer o diabo é temer a própria vida em si.

Existem vertentes e tradições que dizem que o Deus criador está distanciado de nós e estamos sob julgo dos poderes

da terra. Esses poderes são chamados de divindades, deuses, orixás, espíritos e mais um monte de termos. Mas todos eles têm algo em comum: Se nutrem da terra!

Gaia era a própria terra em si e uma divindade tão poderosa e primordial, que surge logo após o vazio. Sendo que ela mesmo gera Urano, que era o

próprio céu. Então, no entendimento helênico a TERRA gera o CÉU. Dessa

união surgem todos os titãs, inclusive a própria Reia, que viria ser mãe de Zeus, o Deus Pai dos Gregos.

Não importa em que cultura você olhe, o chão é primeiramente saudado e visto como divino. Antes mesmo do céu, onde repousam os deuses mais distantes.





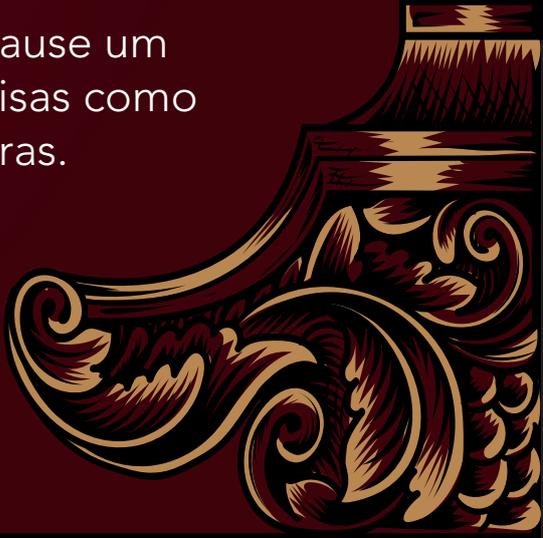
Então, a personificação do diabo animalizado é um contraponto aos deuses urbanizados e civilizados que as culturas procuraram posteriormente. É a própria natureza caótica, misteriosa e dual.

O diabo representa o poder da vida, o poder da terra, o poder do ser, o poder da criação, o poder do alimento, o poder do sexo, o poder de ser você mesmo. E isso assusta todos que não estão preparados para serem livres.

Quando dizem que a Quimbanda é um culto ao diabo, não estão de todo errados, porém a conotação em que isso é dito que diferencia o REAL do OFENSIVO. O culto ao diabo é a manifestação do culto a vida, onde tudo é sagrado e nada é profano. O Culto onde não temos medo dos nossos desejos, dos nossos ímpetos, dos nossos prazeres, mas o colocamos em contato direto em nossa alma para que TUDO seja UNO.

Então, faz muito sentido que o diabo acabe fomentando tanto o imaginário das pessoas, pois todos estão ligados a ele enquanto estamos encarnados, pois vivemos no seu mundo, em seus domínios e dependemos deste domínio para existir.

Não ceda ao pensamento padronizado, cause um CAOS na sua mente para compreender as coisas como um todo, fará muito bem se libertar das amarras.



Por Mestre Samael do Exu 7 Catacumbas
www.setecatacumbas.com.br
e-mail: casadalira@gmail.com

Os Tambores Sagrados e a magia dos pontos cantados na Quimbanda

Em todas as religiões ao redor do planeta, podemos verificar a música como um fenômeno universal de adoração e louvação a Divindade, deuses e espíritos ancestrais. Esse fenômeno artístico-religioso é parte indispensável para qualquer tipo de ato litúrgico, seja através de cânticos orquestrados ou a capela, através de vocalizações de mantras com notas musicais específicas, a finalidade é uma só; o intercâmbio entre almas e a expansão de consciência de maneira linear e exponencial para acessar as dimensões do sagrado.



Como exemplo temos os Salmos de Salomão, as cantigas milenares dos deuses africanos de todas as etnias, as cantigas dos nativos brasileiros, temos passagens no velho testamento bíblico (pentateuco) que fazem menção a musicalidade “Logo após a travessia do Mar Vermelho, Miriã e as mulheres de Israel adoraram a Deus com cânticos acompanhados de danças e tamborins”. (Livro do Êxodo, 15:20-21). Temos também os mantras dos Yogi e Budistas. Enfim, uma miríade de Exemplos que podemos dar. A história da expressão musical está intimamente relacionada com a própria origem do homem.

Baseado nisso. Nossos templos de cultos Afro-brasileiros, herdaram e manifestam também; e de maneira muito importante, a sua musicalidade, que é de certa forma um fundamento importantíssimo dentro de suas liturgias.

Música é comunicação. É uma expressão emocional e intelectual, uma mensagem artística que carrega em si um significado.

Música se propaga através de sons ordenados, esses sons são um conjunto de notas musicais harmônicas, que constroem uma melodia.

A música como qualquer som, logicamente se propaga pelo ar! Portanto é uma ideia sistematizada e simbólica que é transmitida através de sons harmônicos e melódicos que se deslocam no ar através de vibrações (com certa frequência) e é absorvida e entendida entre duas partes o transmissor e o receptor. Transmissor quem executa a música e receptor quem ouve e interpreta mentalmente esses sons simbólicos carregados de informações.

Se música começa no campo das ideias e na alma, especificamente no campo das emoções e manifestasse nesse plano através de sons que são vibrações podemos dizer que é magia! Pois magia é a manifestação da vontade (ideias e sentimentos) no plano físico para alterar a realidade.

Música é frequência! Frequência é vibração. Como está elucidado nas leis herméticas o todo vibra!

Se tudo tem uma frequência definida na natureza a frequência mental do músico e da sua música é ferramenta de acesso a vários níveis de consciência do cosmos e da espiritualidade, seja esta essência sinistra(obscura) ou luminosa. A intenção será o alicerce.

Tambores (atabaques) nos cultos afro-brasileiros e na Quimbanda

Nos terreiros, tendas, templos afro-brasileiros a primazia musical é de influência Africana, onde utilizamos os Atabaques.

"Constitui-se de um tambor cilíndrico, ligeiramente cônico e comprido, onde apenas a abertura maior é coberta por couro animal (de bode, carneiro ou boi) (...). Seu nome tem origem árabe, atabaq, que significa "prato". (Mattos 2005 p.27). São instrumentos musicais brasileiros (membranofones). "De Forma genérica, podemos afirmar que tambores são instrumentos musicais de percussão, formados por armação oca, tendo, sobre essa, uma pele esticada, produzindo som quando percutido, sendo originado pela vibração da membrana, ou seja, da pele". (Mattos 2005 p.17).

Também é comum a utilização de instrumentos de acompanhamento como o Aguê, Xequerê, agogô, ganzá



entre muitos outros instrumentos de fricção e metais sonoros idiofones, para marcar o tempo e o ritmo. Os tambores são encontrados em todos os cultos ancestrais e tribais trazendo com sigilo a sensação do poder ancestral ligado a terra.

Os toques que são executados nos atabaques na Quimbanda em específico são heranças de cultos como o candomblé a macumba carioca a Cabula etc.

São toques facilmente intercambiáveis entre os cultos, Umbanda e Candomblé.

Seus nomes fazem menção a suposta etnia de origem ou até mesmo do culto que eram executados.

Esses são os mais utilizados:

Congo de Ouro, Cabula, Samba Angola ou Samba de Caboclo, Ketu, Ijexá, Nàgô ou Alujá e Barra vento.

Na Quimbanda quem toca o atabaque pode ser chamado Ogã (nome herdado do Candomblé e da Umbanda).

Os tambores são considerados assentamentos, o trato com eles é sagrado, deve-se consagrá-los ritualisticamente com mieró e menga (banho de ervas sagradas e sangue de animais sacrificados) para que eles, tenham o moio ou axé (força mágica de realização) para serem utilizados magicamente.

É comum dentro de várias vertentes de Quimbanda os tambores terem um "padrinho" espiritual; trata-se de uma entidade que será responsável em zelar e proteger a "curimba" (nome do grupo de ogãs).



Os Pontos Cantados na Quimbanda

Pontos cantados são as cantigas sagradas de louvação as Linhas, reinos povos e falanges das entidades. Os Pontos cantados também são encontrados no culto de Umbanda, mas neste texto irei me ater aos pontos cantados de Quimbanda!

Pontos cantados, além de uma ferramenta de conexão com os Exus e Pombas giras, Tem várias funções litúrgicas e de direcionamento dentro da feitiçaria de Quimbanda.

Para conhecer mais, vamos classificar e separar por objetivo mágico cada tipo de ponto e suas funções:

Pontos de chamada e abertura:

O próprio nome diz; trata-se de pontos que vão chamar as entidades para vir participar do ritual de feitiçaria e abrir os trabalhos.

Ponto de Defesa:

Ativa as forças dos exus e assentamentos para defender o feiticeiro ou o templo.

Ponto de ataque:

Ponto de guerra para movimentar forças contra os inimigos.

Ponto de defumação:

Ativa magicamente as virtudes das folhas que serão queimadas no ritual de defumação para purificar o ambiente e as pessoas.

Ponto de firmação de ponto riscado:

Ponto cantado para as entidades riscarem os pontos (desenho, mágico simbólico utilizado pelas entidades e adeptos nas suas



feitiçarias). no chão com a pomba (instrumento mágico uma espécie de giz consagrado) ou ponteira de aço. (punhal, faca etc. No caso de chão de terra).

Ponto para ativar mieró:

Ponto cantado para confecção de banhos sagrados.

Ponto de queima de Tuia ou Fundanga:

Ponto cantado para se queimar pólvora para descarrego

Ponto de coroa:

Para Louvar uma entidade

Ponto de sustentação ou firmeza:

Para fortalecer a gira (trabalho com entidades arriadas incorporadas, ou seja, com os médiuns em transe ou possessão).

Ponto de axoxô:

Para realizar os sacrifícios de animais

Ponto cruzado:

Quando o ponto faz menção a mais de um reino ou entidade juntas no mesmo ponto, ou seja, está cruzando forças!

Ponto de Subida:

Para as entidades "afundar" desincorporarem dos médiuns

Ponto de encerramento:

Para fechar a gira (encerrar os trabalhos).

Existe uma infinidade de tipos de pontos específicos, que o Ogã Quimbandeiro e o Mestre de Quimbanda, precisa conhecer e dominar para poder potencializar sua feitiçaria, não serão inumerados todos aqui, pois prolongaria muito nosso texto.



Mas fica a reflexão de quanto material é necessário levantar-se em pesquisa intensa para conhecer todo assunto que com certeza jamais se encerrará! Haja vista, que existe uma infinidade de falanges (nome de entidade exemplo: Tranca rua) que hoje em dia, não se conhece mais seus pontos cantados, e precisamos buscar sempre o resgate pois a Quimbanda é um culto ancestral e ancestralidade só existe quando há a lembrança do passado.

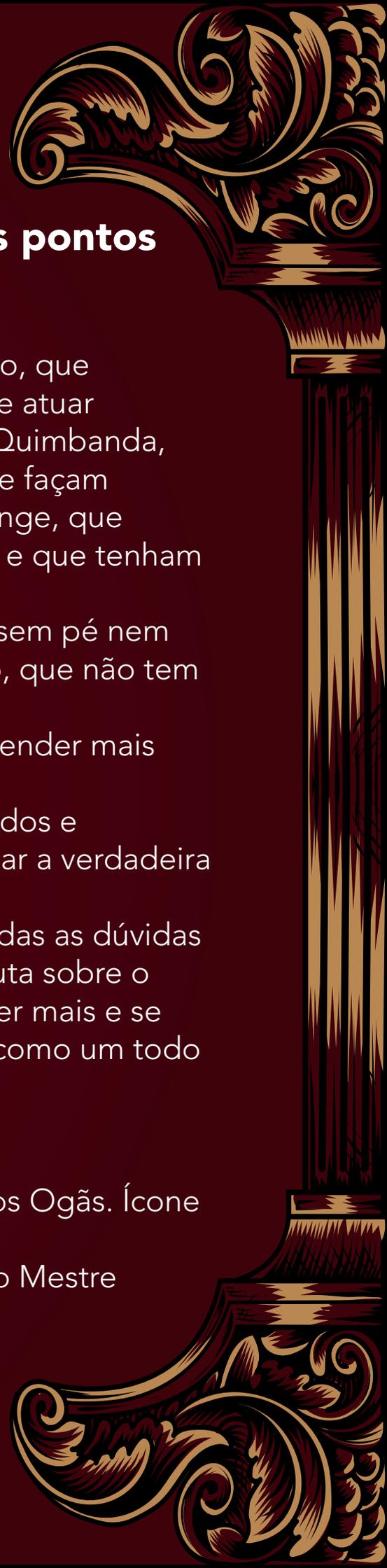
Os pontos cantados ainda são divididos em dois tipos:

Pontos terrenos; pontos escritos pelos adeptos sem intervenção mediúnica, apenas por inspiração dele.

Pontos de Raiz; é quando a entidade está em terra (incorporada no médium) e canta um ponto inédito, nunca ouvido. Esse ponto tem um fundamento profundo e sagrado que permeia o objetivo específico do trabalho daquela entidade.

Existem pessoas que tem o dom especial de composição de pontos cantados por inspiração direta do espírito sem a necessidade de incorporarem o mesmo. Esses pontos também são considerados pontos de Raiz!





Composição e interpretação dos pontos cantados de Quimbanda

É importante entender, como já foi elucidado, que os pontos cantados têm a função específica de atuar magicamente, dentro do ritual e feitiçaria de Quimbanda, por tanto, sua letra deve conter elementos que façam referências coerentes da atuação de cada falange, que tragam um significado de sabedoria profunda e que tenham fundamento.

Atualmente nós vemos na internet pontos “sem pé nem cabeça” que não trazem nenhum fundamento, que não tem uma coerência simbólica nem magia.

Precisamos estudar mais, vivenciar mais, aprender mais com nosso mais velhos!

Ouvir as entidades de médiuns firmes, iniciados e verdadeiros, para que possamos de fato, buscar a verdadeira essência da Quimbanda.

O texto que você leu não pretende sanar todas as dúvidas nem tem a pretensão, de ser a verdade absoluta sobre o tema. Mas sim fomentar a vontade de aprender mais e se desenvolver contribuindo com a Quimbanda como um todo independente da vertente de cada adepto.

Bibliografia:

MATTOS, Sandro da costa. O livro básico dos Ogãs. Ícone editora, São Paulo, 2005.

Material apostilado do Curso de Curimba do Mestre Samael do Exu 7 Catacumbas.



Expediente

Direção geral

Douglas Rainho

Edição e Diagramação

Natyelle Koga

Projeto

Cova de Cipriano Feiticeiro, Templo de Quimbanda Pantera Negra e Dama da Noite, Templo de Quimbanda Cova de Tiriri e Pedido.co

Contato

revistanganga@perdido.co